
Cidades Médias: apontamentos sobre a discussão conceitual

Medium Cities: notes on the conceptual discussion

Ciudades Medianas: apuntes sobre la discusión conceptual

Breno de Abreu Lopes¹



<https://orcid.org/0000-0003-3519-7758>

RESUMO: O debate a respeito das cidades médias é extenso e suscita pontos que vão desde a questão conceitual às divergentes realidades espaciais apresentadas por elas na rede urbana. Sendo assim, o artigo que se apresenta é de natureza teórica e realiza uma breve discussão conceitual a partir da literatura a respeito das cidades médias. Por isso, objetiva-se fazer um resgate conceitual partindo do pressuposto de que não há uma única ideia a respeito do que é cidade média, sendo oportuno traçar algumas das diferentes concepções a esse respeito. A pesquisa foi construída mediante estudos exploratórios em bibliografia de autores especializados, apreciação crítica e recorte das ideias mais pertinentes. Mediante o estudo, pode-se concluir que o debate conceitual a respeito das cidades médias é complexo e que não há ainda um conceito usualmente utilizado, mas vários, aspecto este apontado por alguns autores. Ou seja, aponta-se na literatura que mais do que buscar traçar um conceito, faz-se pertinente compreender que existem várias concepções de cidades médias, baseando-se na pluralidade socioespacial da rede urbana, devendo os pesquisadores buscarem as referências teóricas e elementos empíricos que melhor se adequam às realidades socioespaciais que buscam analisar.

PALAVRAS-CHAVES: cidades médias; debate conceitual; estudo bibliográfico.

ABSTRACT: *The debate regarding medium-sized cities is extensive and raises points ranging from conceptual questions to the divergent spatial realities they present within the urban network. Therefore, the presented article is of a theoretical nature and conducts a brief conceptual discussion based on the literature concerning medium-sized cities. Thus, the objective is to undertake a conceptual review, starting from the assumption that there is no single idea about what constitutes a medium-sized city. It is opportune to outline some of the differing conceptions on this matter. The article was constructed through exploratory studies of specialized authors' bibliographies, critical appraisal, and the selection of the most pertinent ideas. Through this study, it can be concluded that the conceptual debate surrounding medium-sized cities is complex and there is no universally employed definition, but rather several definitions, as pointed out by certain authors. In other words, the literature suggests that, more than aiming to establish a singular concept, it is relevant to understand that there exist multiple conceptions of medium-sized cities, formulated based on the socio-spatial plurality of the urban network. Therefore, researchers should seek theoretical references and empirical elements that best fit the socio-spatial realities of the areas they are analyzing.*

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: breno.abreu@hotmail.com.

KEYWORDS: *medium cities; conceptual debate; bibliographic study.*

RESUMEN: *El debate sobre las ciudades medianas es amplio y plantea puntos que van desde la cuestión conceptual hasta las realidades espaciales divergentes que presentan en la red urbana. Por tanto, el artículo que se presenta es de carácter teórico y realiza una breve discusión conceptual a partir de la literatura sobre ciudades medianas. Por tanto, el objetivo es realizar un rescate conceptual a partir del supuesto de que no existe una idea única sobre lo que es una ciudad media, siendo oportuno esbozar algunas de las diferentes concepciones al respecto. El artículo se construyó a través de estudios exploratorios en bibliografías de autores especializados, apreciación crítica y recorte de las ideas más pertinentes. A través del estudio se puede concluir que el debate conceptual sobre las ciudades medianas es complejo y que aún no existe un concepto habitualmente utilizado, sino varios, aspecto señalado por algunos autores. Es decir, se señala en la literatura que más que buscar esbozar un concepto, es pertinente comprender que existen varias concepciones de ciudades medianas, formuladas a partir de la pluralidad socioespacial de la red urbana, y los investigadores deben buscar los referentes teóricos y los elementos datos empíricos que mejor se ajusten a las realidades socioespaciales que pretenden analizar.*

PALABRAS-CLAVE: *ciudades medianas; debate conceptual; estudio bibliografico.*

INTRODUÇÃO

O debate contemporâneo acerca das cidades médias no contexto urbano brasileiro coloca pesquisadores de áreas como as Ciências Humanas e Sociais diante de diferentes realidades quando se objetiva compreendê-las, identificá-las e refletir sobre quais os seus papéis e funções na rede urbana. Logo, é certo que tal debate é extenso e que suscita discussões que vão desde a questão conceitual às divergentes realidades espaciais apresentadas por elas no sistema urbano brasileiro.

Sendo assim, reconhece-se que a década de 1970 é importante para a análise das cidades médias no Brasil. Além de ter sido o marco em que se reconheceu a inflexão rural-urbana do país (Santos, 2018), com o aumento do número de habitantes nas cidades, superando a população das áreas rurais, identificou-se também que as cidades médias se mostraram como fenômenos emblemáticos, haja vista a ascensão delas na rede urbana do Brasil em termos numéricos (Amorim Filho; Serra, 2001) e nas agendas de pesquisa (Branco, 2006).

Certamente, trabalhar com a concepção de cidade média traz consigo alguns dilemas teóricos e metodológicos relacionados ao seu significado no campo teórico. Por isso, por muito tempo buscou-se tentar traçar uma conceituação para as cidades médias que pudesse diferenciar esses espaços fora das metrópoles de dinamismo urbano e econômico (Amorim Filho; Serra, 2001).

Por muito tempo, os estudos das cidades médias recaíam na questão da imprecisão conceitual, havendo diferentes formulações a esse respeito. No entanto, sabe-se que, hoje,

não é oportuno traçar uma única conceituação para elas, haja vista que qualquer iniciativa desse âmbito acabará reduzindo e enrijecendo as suas realidades em um só conceito, mascarando suas realidades empíricas que, decerto, diferem dentro de suas regiões e estados (Calixto; Oliveira, 2017).

Sendo assim, o texto que ora se apresenta objetiva fazer um resgate teórico básico para reflexão a respeito das cidades médias do país, pela relevância do tema na conjuntura socioespacial e urbana brasileira, sem se debruçar sobre nenhum recorte espacial específico. Tal resgate parte do pressuposto de que não há uma única ideia a respeito do que são as cidades médias, sendo oportuno, aqui, traçar algumas dessas diferentes concepções sobre elas. Portanto, o debate tratado nesse manuscrito é necessário, haja vista a crescente discussão a respeito delas por parte dos geógrafos e pesquisadores de outras áreas, pelas suas diversificadas funções urbanas e pelos atributos da morfologia urbana e intraurbana, dentre outros aspectos, sendo oportuno problematizá-las e compreendê-las.

Logo, o artigo não possui a pretensão de construir ou apresentar uma matriz teórica estruturada sobre as cidades médias. Busca-se trazer somente alguns pontos a respeito dessas cidades que são centros urbanos particulares e resultantes dos processos desiguais e combinados da urbanização do país e dos processos econômicos, políticos e sociais, para não citar todos, que influem na rede urbana.

Posto isto, este artigo parte de um questionamento e pergunta norteadora: como compreender a concepção de cidades médias na conjuntura dos estudos urbanos do país? Dessa forma, tem-se a hipótese de que os estudos dos espaços “não metropolitanos”, como as cidades médias, são essenciais para a compreensão do fator urbano do país e, assim, nos direcionam a diferentes perspectivas acerca delas.

Estruturalmente, a primeira seção do artigo cumpre-se nesta breve introdução. A segunda diz respeito à metodologia de pesquisa utilizada. A próxima seção levanta breves apontamentos sobre a emergência das cidades médias na realidade urbana no país. Já na outra realiza-se um debate cuja temática baseia-se em algumas das principais proposições acerca da ideia de cidade média. Finaliza-se com as considerações finais.

METODOLOGIA

Com o intuito de alcançar o objetivo adotado neste manuscrito, realizou-se, inicialmente, um levantamento bibliográfico a respeito das cidades médias em estudos e bibliografias junto a bibliotecas e bases de dados digitais gratuitas, como o Google Scholar (Google Acadêmico). Para a operacionalização da busca nesta base digital utilizou-se de palavras-chave como “cidade média”, “cidades médias” e “discussão conceitual”, obedecendo um recorte temporal dos anos de 2000 a 2020, elegendo somente artigos de autores brasileiros e escritos em

língua portuguesa. Foram desconsiderados textos anteriores a tal recorte temporal, os artigos repetidos, em línguas estrangeiras e também aqueles não disponibilizados na íntegra.

A seguir, os manuscritos passaram por leitura de seus elementos constitutivos, como o título, resumo, palavras-chave, introdução e considerações finais para ser feita, então, a seleção dos materiais com as ideias mais objetivas e, com isto, realizou-se apreciação crítica de alguns para a construção de um resgate teórico com diferentes contribuições de autores que já trataram sobre o tema.

Obedecendo ao delineamento exploratório e bibliográfico (Gil, 2002), fizemos um recorte das principais ideias/conceituações às quais tivemos acesso na literatura acerca do debate conceitual sobre as cidades médias. De antemão, registre-se que as cidades médias não estão em um campo de discussão exclusivo da ciência geográfica, havendo contribuições também de autores de outras áreas do conhecimento, como da Economia, Demografia e Sociologia, para não citar todos, que endossam tal discussão. Feitas essas considerações, a seguir discute-se alguns apontamentos sobre a emergência das cidades na realidade urbana e espacial do Brasil.

A EMERGÊNCIA DE UMA REALIDADE: BREVES APONTAMENTOS SOBRE AS CIDADES MÉDIAS NO BRASIL

São muitas as motivações que alicerçaram a discussão sobre as cidades médias no mundo e no Brasil. Para Amorim Filho (2007), o início da discussão temática sobre as cidades médias iniciou-se entre as décadas de 1950 e 1960 na França, o país pioneiro na discussão do temário, haja vista que na academia francesa viu-se a emergência de estudos de planejamento regional, urbano e da rede urbana. Foi sob esse contexto que pesquisadores como Pierre George, Michel Rochefort, Jean Hautreux, e outros, foram os precursores nos estudos das cidades médias sob o contexto francês. No entanto, tal levantamento teórico não compreende o escopo deste manuscrito.

No caso do Brasil, os primeiros estudos foram realizados em 1960 pelo geógrafo francês Yves Leloup, tendo como objeto analítico as características regionais das cidades de porte médio do Estado de Minas Gerais. Outro trabalho foi elaborado por Amorim Filho em 1976 em formato de um estudo epistemológico e metodológico para os estudos das cidades médias sob o contexto espacial do estado de Minas Gerais (Amorim Filho, 2007).

Para Amora (2010) foi também durante a década de 1970 que órgãos governamentais e de planejamento urbano do país começaram a elaborar os primeiros estudos e planos nacionais e estaduais com escopo nas cidades médias. Amora (2010, p. 275) enfatiza tal aspecto:

No Brasil, nos anos de 1976 e 1977, foi elaborado um programa em nível federal para essas aglomerações, que propunha ações revitalizadoras das mesmas, justificadas nas diretrizes de política territorial do II PND. Neste plano foram traçadas estratégias para cidades com população acima de 50.000 habitantes.

No entanto, registre-se que durante a década de 1980 os estudos sobre as cidades médias reduziram-se e somente na década de 1990 que a quantidade de pesquisas, publicações e eventos sobre as cidades médias alcançaram maior intensidade. Consoante ao último aspecto, Amora (2010, p. 274) alerta,

A cidade média vem sendo objeto de renovado interesse entre os geógrafos brasileiros, sobretudo a partir da segunda metade da década de 1990, consubstanciando em publicações, simpósios, jornadas de trabalho e grupos de pesquisa organizados em redes nacional e internacional.

Ou seja, é certo que muitos estudos já foram realizados tratando do fenômeno urbano brasileiro, principalmente dos espaços metropolitanos (as capitais), por serem emblemáticos e complexos. Outros estudos fora dos espaços metropolitanos (cidades além das capitais), no entanto, eram postos em posições secundárias, haja vista um tradicionalismo de pesquisa em evidenciar as grandes cidades. As cidades além das capitais, ou os espaços brasileiros não metropolitanos, dizem respeito às cidades médias, pequenas e aos espaços rurais, que passaram a receber maiores atenções na agenda teórica. Os estudos sobre os espaços urbanos não metropolitanos passaram a ser mais desenvolvidos pela importância de compreender o urbano no contexto da rede urbana brasileira. Destacamos a relevância dos estudos sobre as cidades médias e pequenas, uma vez que também apresentam feições importantes da urbanização e do espaço urbano (Calixto, 2017).

De modo geral, os anos de 1970 foram importantes para a análise da emergência das cidades médias no Brasil, tanto em termos teóricos quanto espaciais. O dito decênio foi assim reconhecido por ser o momento em que surgiram maiores reflexões na agenda teórica brasileira sobre as cidades médias, associadas à urbanização do país (Branco, 2006). Nesse período, elas entraram num novo patamar na rede urbana pelas transformações na realidade e pela inserção de políticas específicas de planejamento urbano e regional. Durante os anos 70 também se viu que a rede urbana do Brasil passou por transformações, tendo em vista a desconcentração, ampliação e diversificação de atividades de natureza industrial, a modernização dos espaços produtivos e a industrialização do campo, dentre outras questões, o que implicou muito na realidade socioespacial, alterando os papéis e funções urbanas das cidades, levando à tona também novas problemáticas de pesquisa (Corrêa, 2006).

A princípio, dois fatores condicionaram a emergência das cidades médias na agenda de pesquisa brasileira. O primeiro fator diz respeito ao tratamento desses centros como vias para a redução das disparidades regionais. O outro fator corresponde à criação de mecanismos de valorização, para que elas conseguissem orientar fluxos migratórios, em especial aqueles que tinham como destino os grandes centros metropolitanos. Desde então, elas recebem atenção de estudiosos — geógrafos, economistas e profissionais da área do planejamento urbano. Sobre tal contexto, Amorim Filho e Serra (2001) explicam que nos anos de 1950 houve um intenso crescimento demográfico nas metrópoles. Esse inchaço ocorreu por impulsos de população migrante proveniente de várias regiões do país. Essa situação ensejou certas preocupações por parte do governo, fazendo com que impusesse às cidades médias a condição de absorver ou reter esses movimentos em direção aos grandes centros. Dessa maneira, entende-se que foi uma solução estratégica de promover avanços para as cidades médias, em razão da necessidade de evitar outros problemas nas cidades grandes.

No Brasil, os primeiros estudos que as consideraram se restringiam a denominá-las como cidades de porte médio sob influência da nomenclatura do Programa Nacional de Apoio às Capitais e Cidades de Porte Médio — PNCCPM, que as classificavam pela contagem de população (Amorim filho; Serra, 2001). O PNCCPM foi um programa subordinado ao II Plano Nacional de Desenvolvimento, realizado pelo Governo Federal nos anos de 1970.

A professora Maria Encarnação Beltrão Spósito (2007), no entanto, se opõe a essa classificação e afirma que a nomenclatura de cidade média foi a que mais se popularizou nos estudos geográficos brasileiros, levando em consideração não somente o critério populacional. Para ela, existem aspectos e dimensões importantes além do critério populacional. Essa autora nos ensina que devemos considerá-las com amparo no seu papel de intermediação dos variados espaços na rede urbana.

Entre a discussão conceitual e a realidade espacial das cidades médias, há um ponto que merece destaque e que se exprime com muita recorrência. Na literatura que tivemos acesso, foi apontado pelos teóricos o aspecto da imprecisão conceitual. França (2007), Spósito (2007), Holanda (2011), Amora (2010), Amorim Filho e Serra (2001) e tantos outros tocam nesse assunto. Isso nos leva a pensar que, para tratar as cidades médias no contexto brasileiro, impõe-se que saibamos da amplitude teórico-conceitual e espacial para compreendê-las, a fim de analisá-las. Como ensinam Amorim Filho e Serra (2001, p. 2),

Essa inexistência de consenso também ocorre no meio técnico-científico, onde, literalmente, não há uma definição cristalizada de cidade média, uma classificação que pudesse ser utilizada indistintamente pelos sociólogos, economistas, arquitetos, geógrafos, demógrafos, embora dentro de cada especialidade seja possível encontrar algum acordo sobre a matéria.

Os autores alertam para o fato de não haver concepção única, que seja usada em distintos contextos, regiões e diversificadas áreas do conhecimento. Além disso, esse desacordo é uma herança da influência de literaturas externas, que inspiraram estudiosos dessa temática no país, pois, a adoção da terminologia usual de cidades médias foi herdada por influências de bibliografia francesa, conforme Sposito (2007; 2010).

Embora haja algumas terminologias e nomenclaturas para referenciá-las, no Brasil a denominação mais usual é cidade média, a tradução literal do francês *villes moyennes*. Em linhas gerais, de um lado, as cidades de porte médio são aquelas delimitadas pelo critério demográfico, ou seja, estão em uma faixa populacional que geralmente se altera, dependendo da metodologia dos órgãos de pesquisa. Cidade média diz respeito àquela que intermedeia variados espaços e possui distintos papéis na rede urbano-regional. Essas são vistas por seus papéis e funções de intermediação de espaços.

CIDADES MÉDIAS: DIFERENTES PROPOSIÇÕES CONCEITUAIS PARA O CASO BRASILEIRO

A preocupação relativa ao conceito de cidade média talvez não seja mais o principal problema. Sabemos, hoje, por exemplo, que as cidades médias nordestinas diferem daquelas localizadas nas regiões Sul e Sudeste e, também, em outros países — como a França. Por isso, torna-se difícil delimitar um só conceito ou faixa populacional, como fazem alguns órgãos de pesquisa, pois as cidades médias, para assim o serem, devem ser pensadas em relação à sua região, seus processos de formação socioespacial e suas dinâmicas, dentre outros aspectos. Para Amora (2010, p. 278), tal critério populacional foi por muito tempo utilizado como um delimitador das hierarquias das cidades,

A divisão das cidades em pequenas, médias e grandes constitui, grosso modo, uma primeira classificação das aglomerações urbanas no sentido de definição de hierarquias. Esta classificação se apresenta como a mais simples, porém não é suficiente para dar maior sentido à urbanização enquanto processo socioespacial.

Embora reconheçamos que o critério populacional seja importante, ver uma cidade considerando suas funções e dinâmica de intermediação corresponde a uma via mais criteriosa que consegue revisitar pontos que transpõem os números.

As contribuições de autores sobre a discussão conceitual das cidades médias são inúmeras e listamos um breve recorte. Inicialmente, cita-se o pensamento de Corrêa (2007, p. 23);

Sua particularidade reside no pressuposto de uma específica combinação entre tamanho demográfico, funções urbanas e organização do seu espaço

intra-urbano, por meio do qual pode-se conceitualizar a pequena, média e a grande cidade, assim como a metrópole. Esse pressuposto, por outro lado, alicerça o esforço de se construir teoricamente esse objeto de estudo, completo e diferenciado, resultado de um processo de urbanização em contextos econômicos, políticos e sociais heterogêneos em um mundo desigualmente fragmentado e articulado.

Tal autor conclama diferentes aspectos para a compreensão sobre as cidades médias. É pertinente quando considera que elas resultam como a combinação de diferentes dimensões e processos socioespaciais contemporâneos que foram frutos do processo tardio e desigual da urbanização do país. Ou seja, para ele, o tamanho demográfico, as funções urbanas por elas desempenhadas, a constituição de seu espaço intraurbano, seus contextos políticos, econômicos e sociais são alguns dos elementos que constituem e diferenciam tais cidades das outras.

Ainda segundo o autor, existem três dificuldades para a conceituação das cidades médias. O primeiro diz respeito ao tamanho demográfico que se delimita para diferenciá-las. As faixas populacionais devem ser relativizadas, pois os diferentes países, regiões e cidades são constituídos mediante diferentes contextos socioespaciais e de urbanização distintos. A segunda dificuldade está ligada à escala espacial utilizada para a referência no estudo. E a terceira diz respeito à dimensão temporal diante a urbanização aligeirada do país. Neste aspecto, é pertinente que se qualifique cada momento histórico e demográfico para analisar uma cidade média (Corrêa, 2007).

A professora Maria Encarnação Beltrão Spósito lança uma perspectiva teórica, consoante à qual devemos compreender as cidades médias por meio de seus papéis na rede urbana e pela intermediação de variados espaços (2007). Já Holanda (2000/2001), dentre vários trabalhos a esse respeito, aponta a existência de muitos sentidos que permeiam a definição de cidade média. Para a autora, estas cidades são estratos da rede urbana que chamam atenção de investidores e de sujeitos diversos pelo dinamismo que exprimem. São modificadas por fatores externos, mas também são dinamizadas por aspectos endógenos.

A importância da temática formou a Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCIME), composta por instituições e pesquisadores que contribuem muito com o debate da realidade teórica e empírica dessas cidades (Maia; Silva; Whitacker, 2017). Desde 2006, quando foi criada, a ReCIME desenvolve estudos com o propósito de compreender e analisar as cidades médias no Brasil e de alguns países, como Argentina e Chile. Registre-se que tal rede de pesquisa foi criada mediante os esforços de pesquisa da Professora Maria Encarnação Beltrão Spósito sobre as cidades médias em Presidente Prudente - SP. A ReCIME foi, inicialmente, coordenada por tal pesquisadora e desde então vem desenvolvendo estudos importantes sobre as cidades médias de todo o país (Amorim Filho, 2007).

Embora vejamos as cidades médias por seus papéis de intermediação e suas funções, ainda assim, é necessário observá-las por faixas de população. Isso acontece em razão de muitos organismos estatísticos e de pesquisa terem de assumir parâmetros ou faixas populacionais para a consecução das metodologias de estudos. Como escreve Souza (2019), embora o parâmetro populacional não traduza todas as suas realidades, ele não é negligenciável por ser um dos principais indicadores estatísticos usados pelos órgãos de pesquisa. Sobre isso, França (2007, p. 51-52) nos chama a atenção ao exprimir a ideia consoante a qual,

Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE —, a cidade média é aquela que possui população entre 100.000 e 500.000 habitantes. Conforme a Organização das Nações Unidas — ONU —, as cidades médias são aquelas com aglomerações entre 100.000 e 1.000.000 de habitantes. Já a União dos Arquitetos Internacionais — UIA — delimita como cidades médias aquelas que possuem entre 20.000 a 2.000.000 de habitantes. Andrade e Serra (2001) também trabalham com essa mesma definição de cidade média apresentada pelo IBGE. Enquanto Amorim Filho e Bueno e Abreu (1982) estabeleceram um tamanho mínimo de 10 mil na sede do município.

Como vimos, existem várias faixas populacionais maiores e menores que distinguem essas cidades de outros níveis. Assim, convém esclarecer que estamos assumindo a faixa populacional adotada pelo IBGE, que é de 100 mil e 500 mil habitantes, mesmo considerando a região, a formação socioespacial e as particularidades de cada cidade.

Ao afirmar que uma cidade é média, o primeiro ponto que vem à mente diz respeito à ordem, tamanho de algo que está entre duas escalas. Dessa maneira, vamos associá-la a algo que está entre duas dimensões, entre uma cidade maior e outra menor. Conforme assinala Silva (2013, p. 61), a definição de cidade média remete “[...] àquela cidade que está entre a pequena e a grande cidade, ou seja, teria uma dimensão intermediária. De fato, a adjetivação como média conduz à escala de grandeza”.

Mesmo reconhecendo que a cidade média é passível de estar entre duas escalas, isso não constitui norma rígida, pois intermedeia várias ordens, não se reduzindo a essa concepção engessada. A cidade média tem papel de intermediar vários espaços, seja a cidade grande, a pequena, as áreas rurais e mesmo outros estados, além de sua unidade federativa ou estadual.

Comungamos, em especial, da perspectiva de Holanda (2010, 2011) e Spósito (2007), pois ambas apontam um aspecto comum: a cidade média diz respeito a um centro urbano que está além de seu tamanho populacional. Embasados nessas autoras, vemos a cidade média com amparo nas suas funções na rede urbana, de seus papéis perante um conjunto de municípios próximos e distantes, da articulação entre várias escalas, de atividades que as dinamizam e promovem participações no espaço urbano-regional.

À extensão de nossos estudos, identificamos referências propostas válidas para clarificar a noção de cidade média dentro do debate conceitual ao qual tivemos acesso. Assim, chamamos como referências algumas dimensões que elegemos em nossas leituras, as quais organizamos no quadro a seguir (Quadro 01). Esclarecemos que este quadro-síntese foi constituído com base na nossa pesquisa bibliográfica, sendo um recorte que não tem a pretensão de dizer que são somente estas as noções pertinentes ao debate, mas a ideia é de trazer uma síntese.

Quadro 1 - Referências para cidades médias

| | |
|-----------------------------|--|
| Holanda (2000/2001) | <ul style="list-style-type: none"> — As cidades médias não são “metrópoles” nem cidades pequenas, mas são aglomerações urbanas significativas em termos demográficos, em funcionalidade e em relação com a sua região; — Possuem e geram dinamismos econômicos, social e político; — Assumem novos papéis ao se relacionarem com espaços distantes e com espaços imediatos. |
| Amorim Filho e Serra (2001) | <ul style="list-style-type: none"> — Realizam interações constantes e duradouras com centros do seu espaço regional e de níveis maiores; — Tamanho demográfico e funcional para oferecer um leque de bens e serviços diferenciados; — Recebem e fixam fluxos migrantes de cidades menores ou de zonas rurais. |
| Branco (2006) | <ul style="list-style-type: none"> — Tamanho populacional e econômico; — Grau de urbanização; — Centralidade; — Qualidade de vida. |
| Pontes (2006) | <ul style="list-style-type: none"> — Suporte às atividades econômicas de sua hinterlândia; — Mantém relações com o mundo globalizado; — Mantém relações com cidades próximas, distantes e áreas rurais; — Representa um centro de comando. |
| Spósito (2007; 2010) | <ul style="list-style-type: none"> — Desempenham papéis de ligação e de intermediação entre pequenos e maiores centros da rede urbana; — Não se pode desprezar o tamanho populacional, pois é um indicador que exhibe relação entre quantidade e qualidade de serviços e atividades. |
| Holanda (2011) | <ul style="list-style-type: none"> — São <i>espaços</i> ideais para implantação e investimentos de atividades econômicas; — São centros que estabelecem ligações estreitas com seu entorno territorial. |
| Oliveira e Soares (2014) | <ul style="list-style-type: none"> — As cidades médias são importantes centros de atração de população para onde estão geograficamente localizadas, apontando para um certo nível de qualidade de vida; — Indicadores ambientais, culturais e sociais são importantes para compreender o papel e a realidade da cidade média. |

Fonte: organizado pelo autor, baseando-se nos autores referenciados.

Destacamos alguns pontos deste quadro. Primeiro, o fato de a centralidade urbana ser essencial para a qualificação desses centros. Embora somente Branco (2006) trate diretamente a centralidade, outros autores também o tocam, mesmo que implicitamente. Pontes (2006) afirma que uma cidade média deve oferecer suporte às atividades econômicas

de sua hinterlândia e, ao mesmo tempo, ser um centro de comando. A capacidade de oferecer suporte em vários aspectos e de, ao mesmo tempo, ser um centro de comando, não seriam possíveis sem a centralidade.

A funcionalidade que Spósito (2007) prescreve como condição essencial a esses centros é um elemento importante para o qual devemos atentar. Dizer que uma cidade é funcional é quase o mesmo que afirmar dela ter muitas funções, diversas atividades e variedade de papéis que a situam numa posição diferenciada de intermediação. Além disso, as cidades médias possuem funções e papéis expressivos, que também se estendem a espaços rurais. Diante essa perspectiva, Calixto, Oliveira e Soares (2017, p. 13-14) assinalam que:

As cidades médias possuem papéis específicos na rede urbana brasileira, pois, além da destacada importância regional, com referência especial para as pequenas cidades e o meio rural, estabelecem relações, ao mesmo tempo, com centros urbanos maiores e mais importantes hierarquicamente [...]. O elo urbano-regional das cidades médias confere a elas o papel de núcleos estratégicos na rede urbana, visto que aglutinam as vantagens de serem aglomerados urbanos desenvolvidos, com possibilidades de se articularem com o espaço regional [...].

Com efeito, as cidades médias conseguem intermediar distintas escalas e diversificados panoramas no âmbito da rede urbana. Não são médias, necessariamente, pela quantidade de população que possuem, não por uma classificação de faixa de população, mas por algo mais complexo, como, por exemplo, seu papel intermediador de instâncias com outras cidades, metrópoles e o campo.

Destacamos que o debate acerca da imprecisão conceitual não é o mais essencial. Essa discussão já não é preponderante por sabermos que não há como desconsiderar as diferenças regionais espaciais e as heranças históricas. A diferenciação dos lugares impede traçar conceito único para as cidades médias brasileiras. Fazer isso nos levaria, certamente, a generalizar e excluir traços particulares de cada região e formação socioespacial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletiu-se no artigo, sob diferentes aspectos, a respeito de concepções conceituais sobre as cidades médias e, a partir deste empreendimento teórico, têm-se alguns apontamentos importantes. Primeiro, que o debate a respeito das cidades médias é extenso e apresenta contribuições de diferentes autores com diferentes aspectos para compreendê-las. Segundo, em muito se avançou no que diz respeito à conceituação das cidades médias, haja vista as diferentes proposições já elaboradas, algumas brevemente apontadas no artigo.

A emergência delas na rede urbana e nas agendas de pesquisas trouxe um campo conceitual, empírico e analítico a ser descoberto e compreendido pelos geógrafos e não-geógrafos a partir de realidades socioespaciais diferentes. Logo, retomando a pergunta norteadora do artigo, acredita-se que as formas de buscar compreender as cidades médias devam partir, inicialmente, da compreensão que elas são plurais, dinâmicas e que mudam consoante a sua região, configuração territorial e formação socioespacial. Todo o esforço de reflexão para compreendê-las é pertinente, haja vista elas serem partes do tecido urbano brasileiro e que, portanto, traduzem parte da complexidade socioespacial do país.

Tratar sobre cidades médias implica considerar sobre seus papéis nos sistemas urbanos e regionais e o seu contributo para o processo de desenvolvimento territorial e isso interfere com a discussão conceitual. Com isto, considerando os termos conceituais e espaciais recentes no país, elas incorporaram ao longo do tempo problematizações que interferem com a sua discussão conceitual (visão demográfica, funcional, intermediação, globalização) e o seu papel no processo de planejamento também se tem alterado.

Por isso, conclui-se que se faz necessário que também seja avaliado outras vertentes e problematizações que podem interferir nessa discussão conceitual como, por exemplo, a questão dos índices demográficos, as funcionalidades na rede urbana, a sua capacidade de intermediação de diferentes lugares, a globalização que aligeira as relações entre os lugares, os papéis delas no planejamento urbano, as articulações não hierárquicas realizadas entre as cidades, para não citar todos. Discutir sobre as cidades médias implica naturalmente considerar suas participações dentro do sistema urbano brasileiro, nos sistemas regionais, na relevância delas nos processos de desenvolvimento territorial, o que, assim, interfere na questão conceitual.

Todo pesquisador precisa assumir uma posição conceitual a respeito do fenômeno e realidade sobre a qual quer tratar. Diante do que se propôs no artigo, aparenta-nos ser mais pertinente compreender as cidades médias como centros urbanos com papéis de capacidade de intermediação de diferentes espaços, sejam as cidades “grandes”, como as metrópoles, as cidades pequenas e os espaços rurais, avaliando as suas questões populacionais, a sua formação socioespacial, a realidade da região.

Do mesmo modo, tal debate ainda é relevante, pois as cidades médias vêm passando por desafios promovidos por processos amplos como a globalização crescente dos mercados econômicos, dos sistemas produtivos, das novas tecnologias e integração dos lugares, dentre outros fatores, que implicam na realidade espacial delas.

Por fim, conclui-se que o debate conceitual a respeito das cidades médias é complexo e que não há ainda um conceito usualmente utilizado. No entanto, aponta-se na literatura que mais do que buscar traçar um conceito, faz-se pertinente compreender que existem várias

concepções de cidades médias, baseadas na pluralidade socioespacial da rede urbana, devendo aos pesquisadores buscarem as referências teóricas e elementos empíricos que se adequam às realidades socioespaciais de onde se analisará.

REFERÊNCIAS

- AMORA, Zenilde B. Cidades médias: considerações sobre a discussão conceitual. *In*: FREITAS, Nilson A.; MARIA JÚNIOR, Martha; HOLANDA, Virgínia C. C. (org.). **Múltiplos olhares sobre a cidade e o urbano: Sobral e região em foco**. Sobral: UECE/ UVA, 2010. p. 273-288.
- AMORIM FILHO, Oswaldo. Origens, Evolução e Perspectivas dos Estudos sobre as Cidades Médias. *In*: SPÓSITO, Maria Encarnação B. (org.). **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 69-87.
- AMORIM FILHO, Oswaldo.; SERRA, Rodrigo V. Evolução e perspectivas do papel das cidades médias no planejamento urbano e regional. *In*: ANDRADE, Thompson A.; SERRA, Rodrigo V. **Cidades Médias brasileiras**, DF: IPEA, 2001. p. 1-34.
- BRANCO, Maria Luísa C. Cidades Médias no Brasil. *In*: SPOSITO, Eliseu S.; SPOSITO, Maria E. B.; SOBARZO, Oscar (org.). **Cidades Médias: produção do espaço urbano e regional**. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 245-278.
- CALIXTO, Maria José M. S. A Centralidade regional de uma cidade média no oeste de Mato Grosso do Sul. Uma leitura da relação entre diversidade e complementaridade. *In*: OLIVEIRA, Hélio Carlos M.; CALIXTO, Maria José M. S. (org.). **Cidades Médias e Região**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017. p. 57-100.
- CALIXTO, Maria José M. S.; OLIVEIRA, Hélio Carlos M. de; SOARES, Beatriz Ribeiro. Cidade Média e Região: notas introdutórias. *In*: OLIVEIRA, Hélio Carlos M. de; CALIXTO, Maria José M. S. (org.). **Cidades Médias e Região**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017. p. 11-18.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Construindo o conceito de cidade média. *In*: SPÓSITO, Maria Encarnação B. (org.). **Cidades Médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 23-33.
- FRANÇA, Iara Soares. **A cidade média e suas centralidades: o exemplo de Montes Claros no norte de Minas Gerais**. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 2007.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- HOLANDA, Virgínia C. C. de; AMORA, Zenilde Baima. Cidades Médias do Ceará, Estado Nordeste do Brasil, e suas dinâmicas contemporâneas. **Revista Geográfica da América Central**, Costa Rica, v. 2. Edição EGAL, p. 1-13, 2011.
- HOLANDA, Virgínia C. C. de. Sobral/CE: de Cidade do sertão às dinâmicas territoriais da cidade média do presente. *In*: HOLANDA, Virgínia Celia C.; AMORA, Zenilde B. (org.). **Leituras e Saberes Sobre o Urbano: cidades do Ceará e Mossoró no Rio Grande do Norte**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010. p. 75-94.
- HOLANDA, Virgínia C. C. de. Em busca dos sentidos que permeiam a Cidade Média. **Casa da Geografia de Sobral**, Sobral/CE, v. 2/3, n. 1, p. 17-22, 2000/2001.
- MAIA, Doralice S.; SILVA, Willian R.; WHITACKER, Arthur M. Centro e Centralidade nas cidades médias: os caminhos de uma pesquisa. *In*: MAIA, Doralice S.; SILVA, Willian R.; WHITACKER, Arthur M. (org.). **Centro e Centralidade em Cidades Médias**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017. p. 9-23.

OLIVEIRA, Hélio Carlos M.; SOARES, Beatriz Ribeiro. Cidade média: uma proposta metodológica a partir de indicadores ambientais, culturais e sociais. **Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research medium**, Ituiutaba, v. 5, n. 1, p. 220-230, jan./jun.2014.

PONTES, Beatriz Maria S. As mudanças no processo produtivo capitalista e suas repercussões nas cidades médias nordestinas. *In*: SPÓSITO, Eliseu S.; SPÓSITO, Maria E. B.; SOBARZO, Oscar (org.). **Cidades Médias**: produção do espaço urbano e regional. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 327-346.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: EDUSP, 2018.

SILVA, Andresa L. Breve discussão sobre o conceito de cidade média. **GEOINGÁ**. Maringá, v. 5, n. 1, p. 58-76, 2013.

SOUZA, Marcelo Lopes. **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

SPÓSITO, Maria Encarnação B. Novas redes urbanas: cidades médias e pequenas no processo de Globalização. **Revista Geografia**, Rio Claro, v. 35, n. 1, p. 51-62, jan./abr. 2010.

SPÓSITO, Maria Encarnação B. Cidades Médias: reestruturação das cidades e reestruturação urbana. *In*: SPÓSITO, Maria Encarnação B. (org.). **Cidades Médias**: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 233- 253.

Recebido: agosto de 2023.

Aceito: outubro de 2023.